

Irã e Venezuela: o “Eixo do Aborrecimento”

Capitão-de-Fragata Kavon (“Hak”) Hakimzadeh, Marinha dos EUA

EM SETEMBRO DE 2007, o presidente iraniano, Mahmoud Ahmadinejad, fez uma visita polêmica a Nova York. Além de falar à Assembléia Geral das Nações Unidas, a programação de Ahmadinejad incluía uma visita à Columbia University, onde o convite para que ele lá falasse causou protestos públicos dias antes da sua chegada. Cedendo à pressão pública, o reitor da universidade, Lee Bollinger, fez de tudo para que a recepção a Ahmadinejad fosse a mais fria possível. Já de início, Bollinger apresentou Ahmadinejad — que declarou duvidar que o Holocausto tivesse ocorrido — como um homem a quem parecia faltar “coragem intelectual” e que se revelava “surpreendentemente pouco instruído”. E continuou dizendo ao líder iraniano que ele exibia “todos os sinais de um ditador mesquinho e cruel”.¹ Na viagem de volta ao seu país, Ahmadinejad fez escala na América Latina. Seu primeiro destino foi Caracas, onde seu amigo, o presidente Hugo Chávez, recebeu-o como se recebe um irmão que se julgasse perdido. Chávez disse a Ahmadinejad que ele havia enfrentado as críticas pessoais feitas na Columbia University “com a nobreza de um revolucionário”.²

Essa é a natureza da relação entre Venezuela e Irã. O chamado “eixo da unidade” — que é como esses dois países se autodefinem — é mais bombástico que tangível. Entretanto, a pouca substância que existe já é suficiente para causar preocupação. Chávez e Ahmadinejad formaram claramente uma aliança de conveniência, baseada nas fórmulas do antiamericanismo. Seus países são tão incompatíveis que a maioria dos seus esforços de formar parcerias resultou em promessas rompidas e retórica



O presidente venezuelano Hugo Chávez (à frente) e o presidente iraniano, Mahmoud Ahmadinejad, abraçam-se durante uma cerimônia de boas-vindas em Teerã, em 19 de novembro de 2007.

vazia. Infelizmente, suas incendiárias agressões verbais contra o “imperialismo” dos Estados Unidos não podem ser ignoradas tão facilmente. A forte alta dos preços do petróleo deu aos dois líderes o poder para exercer sua hostilidade não só com palavras, mas também com ações. É por isso que Cynthia Arnson, do Woodrow Wilson International Center for Scholars, se pergunta se essa relação representa uma ameaça para os Estados Unidos ou se trata meramente de um “Eixo do Aborrecimento”.³

O capitão-de-fragata Kavon Hakimzadeh, da Marinha dos EUA, terminou recentemente uma missão como assistente especial da representação em Washington do Comando Sul dos EUA. Ele foi enviado várias vezes em missões no Oriente Médio, à antiga Iugoslávia e ao Caribe como piloto

naval da aeronave E-2C. O capitão-de-fragata Hakimzadeh é bacharel pela Carnegie Mellon University, mestre em Administração Pública pela Old Dominion University e mestre em Política Pública Internacional pela Johns Hopkins School of Advanced International Studies.

O Que Quer Ahmadinejad

A atenção que o Irã dedica à Venezuela agora é relativamente recente. Apesar de haver alguns poucos exemplos de transações comerciais prévias entre o Irã e a América Latina, particularmente com Cuba e Brasil, o nível atual de envolvimento iraniano é inédito. Essa atenção começou a se tornar mais séria em 2005, com a eleição de Ahmadinejad, que assumiu a presidência de seu país decidido a usar uma nova e agressiva política externa, cujo propósito é contrariar o esforço dos EUA de isolar e denegrir a reputação internacional do Irã. Para isso, ele começou rapidamente a atrair os líderes da “nova esquerda” da América Latina, que se afastavam de Washington.

Ahadinejad presta contas a um regime que se concentra em garantir um papel dominante para o Irã no Oriente Médio e região do Golfo Pérsico. Os Estados Unidos são a potência dominante no Oriente Médio desde muito antes do nascimento da República Islâmica, algo que os mulás dirigentes nunca conseguiram tragar. Atualmente, com os Estados Unidos envolvidos intensamente com países de ambos os lados do Irã, Ahmadinejad considera que é de interesse do seu país fazer de tudo para irritar Washington sobre qualquer assunto e sempre que possível. Essa é uma das razões por que o Irã interfere no Iraque e no Afeganistão apoiando o Hezbollah, buscando fabricar armamentos nucleares e estabelecendo fortes vínculos com a Venezuela e a América Latina. O fato de Chávez odiar os Estados Unidos oferece uma oportunidade geopolítica que Ahmadinejad não pode ignorar, por motivos ideológicos.

O Que Quer Chávez

Chávez quer o Irã como um parceiro disposto a dividir o ônus de disseminar sua revolução “Bolívariana” na região. Chávez tem acesso a enormes riquezas petrolíferas, mas mesmo com o petróleo aos preços atuais, seus recursos são limitados. Sua ambições regionais e globais estão ficando cada vez mais custosas. Chávez começou seu relacionamento com o Irã em 2001, principalmente como meio de diversificar o mercado de exportação da Venezuela. Depois que Ahmadinejad assumiu o poder, ele encontrou alguém com interesses que convergiam com os seus.

A Venezuela é um palco muito pequeno para Hugo Chávez, um megalomaniaco que se vê como o líder de uma revolta popular contra o “imperialismo” dos Estados Unidos. Ele inspirou uma “guinada para a esquerda” de boa parte das Américas Central e do Sul. Aliados vigorosos de Chávez conseguiram as presidências da Nicarágua, Equador e

Essa atenção começou a se tornar mais séria em 2005, com a eleição de Ahmadinejad...

Bolívia.⁴ Durante a Cúpula das Américas em Mar del Plata, Argentina, em 2005, Chávez fez um discurso inflamado para um público de 25.000 pessoas que protestavam contra os EUA, a Área de Livre Comércio das Américas e a presença de George Bush no país.⁵ Chávez conseguiu manipular a multidão e levá-la a um delírio tão intenso que a manifestação transformou-se em distúrbio violento, fazendo com que o Presidente Bush encurtasse sua visita à região.

Chávez é um inimigo mal-intencionado de todos aqueles que se opõem à sua posição anti-EUA. Seu relacionamento com a Colômbia é difícil justamente devido aos fortes vínculos deste último país com os Estados Unidos. Até recentemente, Chávez era um aliado valioso das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), que há quatro décadas se insurgem contra o governo colombiano. No passado, ele reconheceu as FARC como uma força beligerante legítima e é possível que lhes tenha fornecido apoio financeiro e material, além de refúgio. No entanto, ele se mostrou um aliado volúvel. Depois que o seu apoio secreto às FARC foi descoberto e que a Venezuela passou a receber cobertura negativa da imprensa, ele retirou esse apoio rapidamente. Recentemente, ele chegou a afirmar que o movimento guerrilheiro não “tem lugar” na América Latina.⁶

Diferenças Políticas

Chávez já equiparou a revolução iraniana à sua própria revolução bolivariana. Entretanto, além do fato de que esses países derrubaram uma ordem corrupta e estabelecida há muito tempo, essas duas revoluções não podiam ser mais diferentes. Os sistemas políticos que resultaram de cada uma dessas revoluções revelam diferenças marcantes.

Ahmadinejad, que não é clérigo, não é a única voz na política iraniana nem a autoridade final em questões contenciosas. Esse papel pertence ao aiatolá Khamenei, o líder supremo do Irã. O sistema iraniano de governo exige que Ahmadinejad aja com cautela, suspeita e cuidado para manter a aprovação dos mulás dirigentes. Essa dinâmica política é a maior diferença entre Ahmadinejad e Chávez já que este último, aparentemente, não tem de prestar contas a ninguém.

Chávez busca ativamente o apoio popular por meio de referendos com o fim de garantir um nível de poder sem precedentes na Venezuela. A nação aprovou uma nova Constituição em 1999, criando a República Bolivariana da Venezuela e permitindo que o presidente tivesse dois mandatos consecutivos. Os eleitores reforçaram, mais tarde, o poder de Chávez ao aprovar a criação de mais dois poderes no governo, um acréscimo ao tradicional modelo de Executivo, Legislativo e Judiciário. O poder eleitoral de Chávez e o poder “cidadão” ou “moral” dão-

Em termos de ideologias políticas, a diferença entre os dois é como a da água para o vinho.

lhe a oportunidade de preencher os quadros do governo com comparsas dedicados a mantê-lo no controle. A extensão da popularidade de Chávez é tão grande que tudo isso acaba sendo legal porque as eleições na Venezuela são quase universalmente consideradas imparciais.

Adotando essa fórmula, Chávez conseguiu acumular poderes quase autocráticos na

Venezuela. Ainda existe oposição ao seu governo: o eleitorado rejeitou sua proposta de poder absoluto em um referendo realizado em 2007. No entanto, no futuro próximo, a dinâmica política da Venezuela não será do tipo em que Chávez tenha de se preocupar com muita frequência em obter aprovação para as suas ações.

Diferenças Ideológicas

Independentemente da proximidade que esses dois líderes declaram ter um pelo outro, o fato é que há uma contradição fundamental na relação entre o Irã e a Venezuela que não pode ser ignorada. O eixo de unidade é, na verdade, uma aliança entre um governo de esquerda socialista e um governo conservador e teocrático. Em termos de ideologias políticas, a diferença entre os dois é como a da água para o vinho. Essa contradição ficou evidente em setembro de 2007, em uma conferência organizada por alunos da Universidade de Teerã, que tentavam estabelecer paralelos entre a Revolução Islâmica do Irã e o movimento socialista latino-americano. A história dessa conferência, relatada pelo repórter do Inter Press Service, Kimia Sanati, apresenta uma verdadeira comédia de erros.

A conferência — denominada “Che como Chamran” — foi planejada para durar quatro dias e acabou sendo fonte de embaraço para seus organizadores poucas horas depois de começar. Como o título indica, a conferência visava a promover a ideia de que havia semelhanças entre Che Guevara e Mustafa Chamran, ambos revolucionários que haviam lutado junto com rebeldes de outros países.

Guevara, um dos líderes da revolução cubana, passou a maior parte dos anos 60 tentando incitar, sem sucesso, revoluções socialistas na África e América Central, antes de ser capturado e executado na Bolívia em 1967.⁷ Seus filhos, Aleida e Camilo, foram convidados e compareceram à conferência.

Chamran, um engenheiro e islamita educado nos EUA, organizou e lutou ao lado do grupo guerrilheiro Amal, do sul do Líbano, ao final dos anos 70. No início da revolução iraniana, o Aiatolá Khomeini nomeou Chamran como ministro da Defesa. No entanto, ele foi morto em 1981 quando estava à frente das forças



AFP, Presidência

O presidente venezuelano Hugo Chávez indica o lugar onde ele e o presidente iraniano Mahmoud Ahmadinejad inauguraram uma usina petroquímica conjunta na zona industrial de Asaluyeh na costa iraniana do Golfo, 2 de julho de 2007.

paramilitares iranianas durante as primeiras fases da guerra Irã-Iraque.⁸

Os problemas da conferência começaram com o primeiro palestrante, Haj Saeed Ghasemi, ligado a uma das muitas organizações de milícias do Irã. Segurando na mão uma tradução do livro de Che Guevara, ele começou a fazer declarações como “Che era um homem religioso e acreditava em Deus”, “Fidel e Che nunca foram socialistas ou comunistas” e “o povo de Cuba odeia os soviéticos por tudo o que fizeram”. Disse, então, que “hoje, o comunismo foi lançado na lata de lixo da História, conforme previu o aiatolá Khomeini” e que a única maneira de salvar o mundo é por meio do “movimento religioso em defesa da Justiça”.⁹ Esse tipo de declaração pode ser comum na República Islâmica, onde o socialismo é ilegal e punível com a morte, mas usá-las em um discurso feito a um público que incluía os filhos de Che foi, no mínimo, indelicado.

Como era de se prever, Aleida ficou imediatamente ofendida. No seu próprio discurso, ela respondeu indignada a Ghasemi, recomendando-lhe que “buscasse consultar as fontes originais, em vez de usar traduções para se informar sobre as verdadeiras crenças

de Che Guevara”. Declarou também falar “em nome do povo cubano . . . que considerava como muito agradecido à União Soviética” e afirmou que seu pai “nunca falara de Deus, nunca encontrara Deus e negava a existência de verdades absolutas”.¹⁰

O fiasco dessa conferência acabou revelando um microcosmo das deficiências estruturais nas relações entre o Irã e a Venezuela. Os dois países encontram-se em uma aliança de conveniência, baseada em poucos pontos em comum. Assim que cada país sentir que tirou da relação tudo que podia tirar, é provável que as ideologias políticas e as enormes diferenças culturais tomem rapidamente a dianteira sobre o pragmatismo e comece a desaparecer essa amizade que se dizia tão próxima.

Cooperação Econômica

Até agora, a Venezuela e o Irã ignoraram suas diferenças políticas e ideológicas e se empenharam em forjar laços econômicos e diplomáticos genuínos. Estima-se que os dois países assinaram 180 acordos econômicos e políticos até agora. Em certa altura do ano passado, o ministro das Relações Exteriores do Irã estimou que esses acordos valiam em torno de US\$ 20 bilhões.¹¹ Até agora, porém, os acordos demonstraram ser basicamente simbólicos porque as duas nações têm muito pouco a oferecer uma à outra economicamente. Ambas dependem de suas exportações de petróleo como principal fator de crescimento econômico, enquanto todas as outras indústrias nem se comparam à produção petrolífera. Nenhum dos dois países tem experiência em indústrias que complementariam as do outro país ou que lhes permita competir em mercados globais sem consideráveis subsídios governamentais.

Por exemplo, o primeiro acordo foi assinado por Chávez com o Irã *antes* da eleição de Ahmadinejad. Ele visitou Teerã em 2001 e 2003 para estabelecer uma relação com o governo iraniano de Mohammad Khatami, cuja eleição na qualidade de “candidato moderado”, em 1997, havia aberto possibilidades de relações comerciais com o Irã para vários países latino-

americanos (entre eles, o Brasil).¹² Depois de cortejado por um longo período, Khatami finalmente concordou com a criação de uma joint-venture para produzir tratores em Ciudad

Chávez... o primeiro acordo foi assinado por Chávez com o Irã antes da eleição de Ahmadinejad.

Bolívar, Venezuela, segundo a qual o Irã possuía uma participação de 31% na fábrica “Veniran”.¹³ Hoje, a fábrica produz 4.000 tratores por ano, mas, como são de muito baixa qualidade, seu valor econômico para a Venezuela se restringe a serem “agentes de mudança revolucionária” simbólicos. O governo cede ou aluga a maioria deles a cooperativas agrícolas que cultivam as terras tomadas pelos socialistas de fazendeiros e plantações de açúcar, se bem que alguns já foram enviados à Bolívia e Nicarágua para apoiar os aliados tradicionais de Chávez.¹⁴

Desde que Ahmadinejad assumiu o poder em 2005, os dois países assinaram muitos outros acordos. Entre eles está um compromisso

iraniano, estimado em US\$ 4 bilhões, para a construção de plataformas de exploração de depósitos de petróleo no Delta do Orinoco, fábricas de propriedade conjunta destinadas a produzir duas versões de carros “anti-imperialistas” e uma série de acordos de cooperação para a produção agrícola e leiteira.¹⁵ Em troca, a Venezuela forneceu produtos do refino de petróleo ao Irã, porque este último não dispõe da capacidade necessária para produzir gasolina suficiente por conta própria.¹⁶

Esses esforços são principalmente simbólicos porque não promoveram um crescimento econômico significativo. Uma entrevista recente de um gerente iraniano da usina Veniran revela que o valor real dos tratores é a mensagem que se pretende transmitir a Washington. Quando lhe perguntaram qual era o objetivo da unidade fabril, o gerente iraniano declarou: “A ideia é ajudar nossos irmãos a desenvolver o país”, mas quando lhe perguntaram se o objetivo não era também o de “colocar o dedo no rosto de George Bush”, o gerente sorriu e balançou a cabeça afirmativamente.¹⁷ O investimento conjunto em uma fábrica de veículos poderá ajudar os dois líderes dentro do seu círculo restrito de admiradores, mas terá pouco ou nenhum impacto nos Estados Unidos. A produção de tratores ou carros de baixa qualidade, que não conseguem competir

no mercado mundial, não é uma estratégia econômica. Um plano econômico criado devido ao seu valor emblemático poderá parecer viável desde que os preços do petróleo continuem altos, mas a oscilação histórica desses preços e a falta de investimento na infraestrutura existente para a produção do petróleo certamente farão com que esse empreendimento fracasse ao final.

Cooperação Diplomática

De forma consoante com os desejos geopolíticos de ambos os líderes, Chávez ajudou Ahmadi-nejad a reforçar as relações do Irã com seus amigos recém-eleitos para os governos da Bolívia,



AFP, Miguel Alvarez

O presidente iraniano Mahmoud Ahmadinejad e o presidente nicaraguense Daniel Ortega acenam a partidários em 14 de janeiro de 2007, em Manágua, Nicarágua. O presidente iraniano viajou à Nicarágua depois de visitar a Venezuela, onde assinou acordos comerciais com o presidente Hugo Chávez.

Nicarágua e Equador. Ahmadinejad fez viagens muito divulgadas à Venezuela em julho de 2006; à Venezuela, Nicarágua e Equador em janeiro de 2007; e à Venezuela e Bolívia em 2007. Em sua última visita, Bolívia e Irã estabeleceram relações diplomáticas e assinaram acordos associados a cerca de US\$ 100 milhões de financiamento iraniano.¹⁸ O Irã estabeleceu sua embaixada em Manágua e prometeu US\$ 350 milhões à Nicarágua para construir um porto marítimo de águas profundas e para abrir um canal seco de conexão como corredor para o lançamento de tubulações, estrada de ferro e autoestradas. O Irã abriu um escritório de comércio exterior em Quito em janeiro de 2008.¹⁹

No entanto, não se deu grande prosseguimento a essa enxurrada inicial de atividades. O financiamento iraniano ainda não se materializou na Bolívia e há rumores de que Daniel Ortega adiou indefinidamente uma viagem planejada a Teerã porque o Irã não cumpriu a promessa de financiamento do porto marítimo. Surpreendentemente, mesmo quando os preços do petróleo atingiram recordes no verão de 2008, o Irã recusou-se a perdoar a dívida da Nicarágua, de US\$ 152 bilhões, apesar de Ortega tê-lo pedido pública e expressamente.

O Irã e a Venezuela apoiam-se mútua e continuamente nas Nações Unidas. O Irã continua a sofrer as sanções da ONU devido às suas ambições nucleares. Em 2006, quando a Agência Internacional de Energia Atômica apresentou uma resolução condenando o Irã, a Venezuela, Cuba e Síria se opuseram à mesma.²⁰ Depois da visita de Ahmadinejad à Nicarágua no início de 2007, Daniel Ortega entrou para a curta lista dos que apoiam o Irã. Em troca, o Irã apoiou a tentativa fracassada da Venezuela de obter um assento no Conselho de Segurança, em 2006. Esse processo continuou no final de 2008, quando o Irã se candidatou — também sem sucesso — à vaga reservada para a Ásia no Conselho de Segurança. É provável que alguns dos 32 votos que o Irã recebeu na votação secreta tenham sido dados pelos seus amigos latino-americanos.²¹

Em conformidade com o desejo de Chávez de encontrar um parceiro para seus ambiciosos projetos regionais e o desejo de Ahmadinejad de comprar amigos, as duas nações criaram

em conjunto um banco de financiamento do desenvolvimento, no qual cada país contribuiria com a metade dos fundos iniciais para apoiar projetos em países “anti-imperialistas”.²²

Motivos de Preocupação

Em março de 2007, os dois países inauguraram um voo semanal entre Teerã e Caracas, com escala em Damasco, na Síria. Há boatos de que as regras de imigração e triagem em Caracas são bastante brandas para os passageiros que desembarcam desse voo. Talvez como resultado, há evidência cada vez maior da presença do Hezbollah na Venezuela.

O Hezbollah, que é como uma subsidiária integral da revolução iraniana dos anos 80, expandiu-se e transformou-se em uma enorme força política no Líbano hoje em dia. O movimento opera de forma pelo menos semiautônoma, mas a organização recebe ainda instruções detalhadas do Irã, fonte principal de apoio financeiro e militar do Hezbollah. No Departamento do Tesouro (o Ministério da Fazenda dos EUA), o Gabinete de Controle de Ativos no Exterior rastreou os ativos de dois militantes do Hezbollah que vivem na Venezuela, um dos quais é um diplomata venezuelano.²³

A informação acima, quando combinada com as ações e a retórica da Venezuela, pinta um quadro perturbador do que pode estar ocorrendo de forma oculta no próprio hemisfério onde se encontram os Estados Unidos. No verão de 2006, a Venezuela comprou da Rússia

...Chávez ajudou Ahmadinejad a reforçar as relações com seus amigos recém-eleitos para os governos da Bolívia, Nicarágua e Equador.

100.000 fuzis de assalto e de precisão AK-47. Ao mesmo tempo, Chávez e o presidente russo, Vladimir Putin, assinaram um acordo de licenciamento de produção dos AK-47 em

Caracas.²⁴ Ao mesmo tempo, grande parte da preocupação internacional sobre o acordo concentrava-se no apoio de Chávez às FARC, mas é possível também imaginar intenções muito mais abomináveis por trás dessa compra. O crescente número de iranianos no Hezbollah,

A Venezuela depende fortemente dos Estados Unidos economicamente e Chávez já mostrou que pode ser muito pragmático...

o aumento das armas na região e as fronteiras porosas da América Central fazem com que muitos observadores se preocupem com a infiltração dos terroristas.

Ameaça ou Não?

A realidade econômica com que se depara a Venezuela provavelmente descarta o surgimento de qualquer ameaça mais séria à segurança no curto prazo. A Venezuela depende fortemente dos Estados Unidos economicamente e Chávez já mostrou que pode ser muito pragmático quando se trata de proteger a economia venezuelana. Apesar de Chávez ter-se aliado à China, Rússia e Irã para diversificar sua economia, os Estados Unidos continuam a ser de longe o maior parceiro comercial da Venezuela. O principal destino (53,9%) das exportações da Venezuela é os Estados Unidos. O segundo maior destino, as Antilhas Holandesas, recebe somente 8,8% das exportações venezuelanas.²⁵ A Venezuela ainda vende mais da metade do seu petróleo — ou mais de 1,5 milhão de barris por dia — aos Estados Unidos. Uma parcela significativa da capacidade de refino da Venezuela está localizada nos Estados Unidos, país que recebe menos de 15% do seu petróleo da Venezuela. Não parece provável que essa relação mude no futuro próximo. Um embargo de petróleo prejudicaria os EUA, mas incapacitaria a Venezuela. A recente mudança de Chávez em seu apoio às FARC na Colômbia

foi provavelmente uma demonstração das suas preocupações econômicas.

Não há informações disponíveis atualmente que justifiquem a preocupação com atividades terroristas devido à crescente presença do Irã na Venezuela. Dado o seu foco no Oriente Médio e as muitas oportunidades de causar ali problemas militares para os Estados Unidos, é pouco provável que o Irã recorra a ações terroristas a partir da América Latina. As atividades atuais do Irã na região serão provavelmente mais pragmáticas do que danosas. Em conformidade com a política externa agressiva de Ahmadinejad, o Irã está tentando modificar as relações de poder, o que é um comportamento normal no ambiente internacional. Ahmadinejad pode dar a impressão de que está fora de controle, mas os mulás do Irã seguramente continuarão a mantê-lo sob rédeas curtas.

O Irã enfrenta uma enorme assimetria com os Estados Unidos em praticamente todo instrumento do Poder Nacional. A República Islâmica do Irã está tentando diminuir esse desequilíbrio pelo menos em parte, e Chávez, que está sempre buscando oportunidades de irritar os Estados Unidos, está mais do que disposto a contribuir para esse esforço iraniano.

Ainda assim, muitos nos Estados Unidos argumentam que quando Chávez e Ahmadinejad chamam-se mutuamente de irmãos, é porque estão cheios de “más intenções”.²⁶ As ambições nucleares do Irã servem apenas para colocar

...as fundações dessa relação são deficientes. Essas duas nações se baseiam em princípios opostos.

mais lenha na fogueira desse argumento. Chávez menciona frequentemente a cooperação nuclear com o Irã e apoia a busca de poder nuclear pelo Irã em toda e qualquer oportunidade. Ahmadinejad nem sempre corresponde a esse sentimento. Caso o Irã consiga realmente desenvolver uma capacidade em armas nucleares, não está

claro ainda se a comunidade internacional reagirá por meio de envolvimento ou maior isolamento. Contudo, ela terá de reagir de alguma forma. O Irã certamente assumirá uma posição internacional mais forte se tiver armas nucleares, mesmo se isso resultar em condenação universal. Essa nova posição talvez não precise do apoio de um socialista com quem os princípios religiosos da República Islâmica estão em sério conflito.

Um Nível Indevido de Atenção

A relação entre o Irã e a Venezuela é resultado da convergência de circunstâncias geopolíticas únicas. Ambos os países procuram conquistar todos os aliados que conseguirem encontrar como forma de evitar o isolamento. Chávez e Ahmadinejad têm personalidades semelhantes e parecem gostar um do outro, aproveitam todas as oportunidades para antagonizar os Estados Unidos e têm tido sucesso ao fazê-lo, principalmente porque são imprevisíveis.

Infelizmente para os dois líderes, as fundações dessa relação são deficientes. Essas duas nações se baseiam em princípios opostos. A Venezuela é um país esquerdista e cada vez mais inclinado para a esquerda. O Irã é uma teocracia que

não dá desculpas por ser conservador. Os dois países não se complementam economicamente porque ambos dependem principalmente das exportações de petróleo para garantir seu crescimento. No seu entusiasmo para mostrar ao mundo como se apoiam mutuamente, Chávez e Ahmadinejad fizeram promessas que simplesmente não conseguem manter, fato esse que ficou mais evidente com a recente baixa geral dos preços do petróleo. Finalmente, Hugo Chávez e sua revolução bolivariana poderão continuar por muito tempo, mas Ahmadinejad acabará desaparecendo dentro de um a cinco anos. É pouco provável que o próximo presidente iraniano ache que o interesse de Ahmadinejad na América Latina seja algo que valha a pena.

No entanto, até que essa relação mude, a retórica e a hostilidade contra os Estados Unidos certamente continuarão. O Irã e a Venezuela continuarão a ser motivo de preocupação para os formuladores de políticas de segurança nos EUA e continuarão a atrair um nível de atenção que não é proporcional à sua ameaça real. É por isso que merecem o apelido de “eixo do aborrecimento”. **MR**

REFERÊNCIAS

1. FAIOLA, Anthony e WRIGHT, Robin. “Ahmadinejad’s Day One in New York: A Hostile Reception, a Rambling Talk”, *The Washington Post*, 25 de setembro de 2007.
2. ERIKSON, Daniel P. “Ahmadinejad finds it warmer in Latin America”, *The Los Angeles Times*, 3 de outubro de 2007.
3. ARNISON, Cynthia. Conferência “Iran in Latin America: Threat or Axis of Annoyance?”, Woodrow Wilson Center for International Scholars, Washington, DC, 10 de junho de 2008, disponível em: <www.wilsoncenter.org/index.cfm?fuseaction=events.event_summary&event_id=454131> (18 de março de 2009).
4. CAMPBELL, Matthew. “Madman or messiah?” *The London Sunday Times*, 1 de junho de 2008.
5. ROHTER, Larrye BUMILLER, Elisabeth. “Protestors Riot as Bush Attends 34-Nation Talks”, *The New York Times*, 5 de novembro de 2005.
6. Editorial, “A Welcome Flip-Flop”, *The Washington Post*, 11 de junho de 2008.
7. Wikipedia, The Free Encyclopedia, s.v. “Che Guevara”, disponível em: <http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Che_Guevara&oldid=231518669>, (10 março 2009).
8. Kimia Sanati, “Politics-Iran: Islamist, Socialist Revolutions Don’t Mix”, Iran Press Service, (Setembro 2007), disponível em: <www.Iran-press-service.com/ips/articles-2007/september-2007/politics-Iran-islamist-socialist-revolutions-dont-shtml>, (10 de março de 2009).
9. Ibid.
10. Ibid.
11. ERIKSON.
12. FARHI, Farideh. Conferência “Iran in Latin America: Threat or Axis of Annoyance?”, Woodrow Wilson Center for International Scholars, Washington D.C., 10 de junho de 2008, disponível em: <www.wilsoncenter.org/index.cfm?fuseaction=events.event_summary&event_id=454131> (18 de março de 2009).
13. Veniran Tractor, C.A. Advertisement, disponível em: <www.veniran.com/ve/Tienda.html> (10 de março de 2009).
14. CARROLL, Rory e BRODZINSKY, Sibylla. “Venezuela: The Holocaust denier, the radical socialist, and their axis of unity”, *The Guardian* (London), 25 de julho de 2007, disponível em: <www.guardian.co.uk/world/2007/jul/25/venezuela.Iran> (18 de março de 2009).
15. Ibid.
16. RONAGHI, Alireza. “Big hugs and oil deals unite Iran, Venezuela”, *The Globe and Mail* (Canada), 31 de julho de 2006.
17. CARROLL e BRODZINSKY.
18. AFP, “Ahmadinejad Shores Up Support in Bolivia, Venezuela”, 27 de setembro de 2007, disponível em: <http://afp.google.com/article/ALeqMgkga-ABVZuKPBO0_8-qep6iWGANQ>, (10 de março de 2009).
19. FARHI, (10 de junho de 2008).
20. ERIKSON.
21. BBC, “Iran Security Council Bid Fails”. 17 de outubro de 2008, disponível em: <<http://news.bbc.co.uk/2/hi/americas/7675505>> (1 de abril de 2009).
22. MANDER, Benedicte e FIFIELD, Anna. “Iran and Venezuela to launch joint bank”, FT.com, 21 de maio de 2008, disponível em: <<http://archives.econ.utah.edu/archives/alist/2008w20/msg00027.htm>> (10 de março de 2009).
23. U.S. Department of the Treasury, “Treasury Targets Hezbollah in Venezuela”, comunicado à imprensa, 18 de junho de 2008, disponível em: <www.treas.gov/press/releases/hp1036.htm> (10 de março de 2009).
24. WALSH, Nick Paton. “Arms deal sets collision course with US”, *Sydney Morning Herald*, 29 de julho de 2006.
25. Economist Intelligence Unit, “Country Report: Venezuela”, junho de 2008.
26. ALAVI, Nasrin. “Problematic Brothers: Iranian Reaction to Chávez and Ahmadinejad”, NACLA Report on the Americas; setembro-outubro de 2007, 40, issue 5, p. 18.